



2º Congresso
**Tudo é
Ciência:
(Ser) Humano na
Sociedade 5.0**



ORGANIZADO POR:

UniFOA

A educação física e as práticas corporais: a questão de gênero

Cláudio Delunardo Severino¹; 0000-0002-7026-3477
Bianca Silva Pereira¹; 0009-0000-6295-844X

1 – UniFOA, Centro Universitário de Volta Redonda, Volta Redonda, RJ.
claudiodelunardo@gmail.com (contato principal)

Resumo: Mesmo com a reflexão a respeito da construção cultural das identidades de gênero a partir das influências do contexto histórico-cultural acerca do 'masculino/feminino' e, também, da legitimação das condutas e da efetiva participação de homens e mulheres em todos os âmbitos da sociedade, ainda é possível perceber o preconceito e atitudes discriminatórias em relação à participação das mulheres em âmbitos distintos. Em se tratando do espaço da Educação Física, a distinção entre gêneros fica em evidência por intermédio de comparações, comentários pejorativos, argumentos de expressões corporais, culturais e sociais e atitudinais. O objetivo do presente estudo foi investigar as particularidades que envolvem a presença das mulheres no ambiente da Educação Física. Para isso, o caminho metodológico percorrido tratou-se de uma revisão bibliográfica de caráter descritivo e, assim, buscou-se informações contidas em publicações produzidas anteriormente voltadas para o tema a ser observado e, para tal, o aporte teórico do presente estudo foi estabelecido mediante levantamento de livros e artigos nas reconhecidas bases de dados Scielo, Google Scholar e Periódicos Capes. O estudo se justifica pela possibilidade da obtenção de um conjunto de informações que oportunizem a docentes, acadêmicos e acadêmicas um entendimento acerca das práticas corporais, a participação das mulheres e as dificuldades enfrentadas por estas no sentido de fazer com que o universo da Educação Física se caracterize como um espaço não discriminatório, independente do gênero de seus praticantes. Percebeu-se que as questões de gênero ainda são um grande desafio para a Educação Física e o esporte. A exclusão de mulheres de certas modalidades, cargos de liderança e a desvalorização do desempenho feminino em comparação com o masculino evidenciam a presença da hierarquia de gênero no esporte e na Educação Física. Além disso, a sexualização do corpo feminino é uma prática comum no ambiente esportivo, o que pode levar a objetificação e a desvalorização das mulheres.

Palavras-chave: Educação Física. Gênero. Igualdade.



INTRODUÇÃO

Os estudos voltados para as questões de gênero vêm se expandindo a cada ano, estabelecendo o seu espaço nas diversas áreas de conhecimento (PRADO et al., 2016). Para os mesmos autores, essa condição vem oportunizando a reflexão a respeito da construção cultural das identidades de gênero a partir das influências do contexto histórico-cultural acerca do 'masculino/feminino' e da efetiva participação de homens e mulheres em todos os âmbitos da sociedade.

Em se tratando do espaço da Educação Física, a distinção entre gêneros fica em evidência por intermédio de comparações, comentários pejorativos, argumentos de expressões corporais, culturais e sociais e atitudinais. Esse quadro, na perspectiva de Rigo (2022), resulta por acarretar situações constrangedoras e traumatizantes em relação ao público formado por mulheres.

Diante do exposto, cabem alguns questionamentos: Como as mulheres são vistas dentro/fora do ambiente da Educação Física? Qual é a conduta dos homens em relação às mulheres durante uma prática esportiva?

Estabelecidas essas questões, o objetivo do presente estudo foi investigar as particularidades que envolvem a presença das mulheres no ambiente da Educação Física e ele se justifica pela possibilidade da obtenção de um conjunto de informações que oportunizem a docentes, acadêmicos e acadêmicas um entendimento acerca das práticas corporais, a participação das mulheres e as dificuldades enfrentadas por elas.

MÉTODOS

Para o desenvolvimento da presente pesquisa, fez-se uso de uma revisão bibliográfica de caráter descritivo com base nos estudos realizados por outros autores e autoras que abordaram o referido tema. Assim, buscou-se, por intermédio de uma abordagem qualitativa de investigação, informações contidas em publicações produzidas anteriormente voltadas para o tema a ser observado e, para tal, o aporte



teórico do presente estudo foi estabelecido mediante levantamento de livros e artigos nas reconhecidas bases de dados Scielo, Google Scholar e Periódicos Capes.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Gênero

Expõe-se inicialmente o conceito de gênero estabelecido Sousa e Altmann (1999), que o compreendem como a construção social estabelecida por uma determinada cultura no que tange a homens e mulheres e as relações baseadas nas distinções identificadas entre os sexos. Na perspectiva de Goellner (2010), o 'sexo' é definido como uma classificação de características anatômicas e fisiológicas que diferenciam os indivíduos como macho e fêmea. Em relação ao 'gênero', este é percebido como uma condição social em que se identifica alguém como masculino ou feminino.

Oliveira (2008) complementa tal conceito com a afirmação de que a partir do que é estabelecido tanto no cenário social como também no cultural e histórico, solidificam-se binarismos que opõem masculino/feminino e dominante/dominado, caracterizando-se assim as diferenças nas construções sociais e as relações de poder. Essas relações fazem com que as mulheres sejam educadas para ocupar o espaço do lar e deixar as atribuições do universo público em poder dos homens. "A divisão de papéis sociais pautados no gênero é uma forma de organização típica da sociedade brasileira e de muitas outras sociedades" (HAHN, STRÜCKER, 2020, p. 194).

As relações de poder acima mencionadas são estabelecidas, segundo Couto e Dittrich (2017) por intermédio de uma infinidade de práticas culturais que acarretam a promoção de estereótipos de gênero a partir das diferenças de comportamento das pessoas. Nesse sentido, nota-se que tais práticas culturais reforçam uma desigualdade que se apresenta invariavelmente com consistência.

O conceito de gênero não significa unicamente a caracterização de distinções naturais entre mulheres e homens, mas uma interpretação que oferece um significado para as diferenças físicas entre ambos. A considerar as distinções entre sexo e gênero, pode-se compreender que o primeiro se refere às diferenças biológicas, enquanto a





segunda expressão se adequa às classes de comportamentos reforçadas pelas diferenças entre a mulher e o homem (COUTO; DITTRICH, 2017).

Em se tratando do conjunto de comportamentos e, também, posicionamentos preestabelecidos, era considerada a mulher “perfeita” aquela que era a mãe dedicada e que tinha no lar o seu devido lugar, apresentando sempre um comportamento doce e servil, bem distante da esfera política e do campo das decisões associadas ao destino da sociedade (DAVIS, 2016). Isso significava que o lar havia sido estabelecido como o lugar destinado às mulheres, sendo concedido a estas a criação de suas crianças e o atendimento às necessidades de seus maridos, tornando-as serviçais.

Todos os conceitos expostos até então, além de outros incontáveis estudos acerca do tema proposto apresentam como principal característica o estabelecimento (ou a tentativa) de explicações a respeito das causas da opressão das mulheres por parte dos homens. Entretanto, percebe-se que tal procedimento é insistir no essencialismo e, nesse sentido, o conceito de gênero apresentou grande relevância quanto ao combate ao determinismo biológico (CONCEIÇÃO, 2009).

Os obstáculos enfrentados pelas mulheres em diversas ocasiões ultrapassam as relações de gênero ou sexo, com desvantagens sociais, econômicas e obstáculos ocasionadas por variáveis como raça, etnia, classe social e sexualidade, ou seja, as barreiras enfrentadas pelas mulheres se tornam ainda mais complexas quando se trata de pobres, negras, indígenas, trabalhadoras rurais ou homossexuais (BIROLI, 2018). E sobre tais barreiras, Conceição (2009) comenta que as discussões a respeito de gênero passaram a não ser unicamente sobre sexo e classe, mas também a temas como, por exemplo, raça. Isso fez com que se pensasse em uma conjunção entre sexo, classe, raça e nas diversidades entre as mulheres, fazendo com que o gênero fosse reconhecido como um elemento constitutivo das relações sociais.

Cada uma sabe a dor e a delícia de ser mulher

Desde o início das organizações humanas, que mais tarde seriam intituladas como civilização/sociedade, o corpo da mulher fora dotado de regras e padronizações. Devido a sua capacidade em gerar filhos, impossibilitando assim a capacidade de realizar atividades por certo tempo em decorrência da maternidade, criou-se então o





estereótipo de submissão, fragilidade e reserva ao lar (STEARNS, 2015).

Para Goellner (1999), ser mulher e pensar a respeito do que representa o seu corpo como imperativo de seu sexo, ou seja, o fortalecimento da condição de ser bonita, feminina e mãe. Todavia, a referida autora reforça que essa representação não pode significar que as mulheres devam assumir tais condições, pois ser mulher significa também ter interesses, sentimentos e maneiras de enxergar o mundo e a si próprias.

Fora do ambiente acadêmico e profissional, o estereótipo de gênero afeta as mulheres na sua participação e desempenho em atividades físicas. Por exemplo, muitas mulheres relatam que se sentem constrangidas e evitam frequentar academias de ginástica ou praticar esportes em ambientes dominados por homens temendo sofrer algum tipo de assédio sexual e/ou moral.

O espaço da Educação Física: o lugar da mulher é onde ela quiser

Em um ambiente no qual estejam sendo desenvolvidas práticas associadas a cultura do movimento, considera-se imprescindível, por parte de todos os envolvidos (docentes e discentes), o entendimento de que a interação com o meio não seja ofuscada por atitudes preconceituosas acerca das relações sociais que envolvem as questões de gênero (ROSA et al., 2020). Entretanto, os mesmos autores percebem que em muitas ocasiões, os professores, diante dos conflitos vinculados ao gênero e a sexualidade que acarretam manifestações de discriminação por parte dos homens em relação às mulheres, acabam compactuando com essas atitudes ao estabelecerem comentários voltados para uma suposta falta de capacidade em executar determinados exercícios e genereficando as ações propostas. Nesse caso, considera-se pertinente a reflexão por parte dos professores no que tange à necessidade da desconstrução desse processo discriminatório.

Martins e Silva (2020) apontam que apesar de ser constatada nos mais diversos segmentos da sociedade a importância, os benefícios e a necessidade da prática de modalidades esportivas, atividades físicas e de lazer, nota-se ainda que, em se tratando de mulheres e meninas, a desigualdade de oportunidades é nítida, além das constantes comparações entre elas e os homens.





Mas o ambiente no qual se pratica exercícios físicos não pode ser considerado adequado apenas aos homens. E para que este seja um espaço aberto a todos e todas, consideram-se necessárias algumas importantes mudanças. Para Firmino (2019), uma dessas mudanças se refere à necessidade de rompimento com os paradigmas habituais e, nesse sentido, debates acerca da criação e da ocupação de espaços pelas mulheres se tornam cada vez mais frequentes e, no âmbito do esporte e da prática de exercícios físicos, essa prática não é uma exceção.

Tal necessidade, segundo Martins e Silva (2020), ainda enfrenta obstáculos no cotidiano por intermédio de situações como, por exemplo, como a divisão do espaço e tempo entre meninas e meninos nas aulas de Educação Física em algumas escolas, assim como a distinção dos conteúdos oferecidos por parte dos professores.

O esporte e a prática de qualquer atividade física devem ser compreendidos como um espaço legitimador dessa separação a partir da concepção de que são percebidas como atividades masculinas e vinculadas ao estabelecimento da virilidade. Assim, a Educação Física passa a ter significativa representatividade no que tange ao controle dos corpos a partir de uma contribuição para o estabelecimento de significados e práticas sociais distintas (MARTINS; SILVA, 2020).

Portanto, é relevante considerar a Educação Física como um campo onde esteja assegurado o debate que possibilite o envolvimento delas no processo de entendimento e de transformação, desenvolvendo, possibilidades para a participação das mulheres não somente no esporte e nas atividades que envolvam a prática corporal, mas em todos os âmbitos da sociedade.

CONCLUSÕES

As questões de gênero ainda são um grande desafio para a Educação Física e o esporte. A exclusão de mulheres de certas modalidades, cargos de liderança e a desvalorização do desempenho feminino em comparação com o masculino evidenciam a presença da hierarquia de gênero no esporte e na Educação Física. Ainda há uma falta de representatividade feminina nos cargos de liderança e nos



estudos acadêmicos, o que pode afetar negativamente a qualidade da educação oferecida. Além disso, a sexualização do corpo feminino é uma prática comum no ambiente esportivo, o que pode levar a objetificação e a desvalorização das mulheres.

Contudo, é importante destacar que algumas mudanças estão ocorrendo na área. A presença feminina em posições de liderança e a inclusão de novas modalidades e práticas esportivas voltadas para mulheres são exemplos dessas mudanças. Além disso, a busca pela igualdade de gênero no esporte e na educação física é cada vez mais discutida e estudada por pesquisadores e educadores físicos. É preciso continuar investindo em políticas de inclusão e igualdade de gênero para que o esporte e a educação física possam ser uma ferramenta para a promoção da equidade e do respeito aos direitos das mulheres.

REFERÊNCIAS

BIROLI, Flávia. **Gênero e desigualdades**: os limites da democracia no Brasil. São Paulo: Boitempo, 2018

CONCEIÇÃO, Antônio Carlos Lima da. Teorias feministas: da “questão da mulher” ao enfoque de gênero. **Revista Brasileira de Sociologia da Emoção**, João Pessoa-PB, v. 8, n. 24, p. 738-757, 2009

COUTO, Aline Guimarães; DITTRICH, Alexandre. Feminismo e análise do comportamento: caminhos para o diálogo. **Revista Perspectivas**, São Paulo-SP, v. 8, n. 8, p. 147-158, 2017

DAVIS, Angela. **Mulheres, raça e classe**. São Paulo-SP: Boitempo, 2016

FIRMINO, Carolina Bortoleto Empoderamento e relações de poder: a cobertura feminista da Copa do Mundo da Rússia pelo projeto dibradoras. **FuLiA / UFMG**, Belo Horizonte - MG, v. 4, n. 1, p. 23-38, jan./abr., 2019

GOELLNER, Silvana Vilodre. Imperativo de ser mulher. **Motriz**, Rio Claro – SP, v. 5, n. 1, p. 40-42, junho, 1999



_____. A Educação dos Corpos, dos Gêneros e das Sexualidades e o Reconhecimento da Diversidade. **Cadernos de Formação RBCE**, Porto Alegre, v. 1, n. 2, p.71-83, mar. 2010

HAHN, Noli Bernardo; STRÜCKER, Bianca. Lugar de mulher é... onde ela quiser! Papéis sociais pautados no gênero e breves apontamentos sobre o feminicídio. RDL, Natal/RN, v. 22, n. 2, p. 193-225, maio/ago. 2020

MARTINS, Mariana Zuaneti; SILVA, Bruna Saurin. Incorporar meninas nas aulas de esporte: pensando possíveis articulações entre os estudos de gênero e a pedagogia do esporte. **Revista Pensar a Prática**, Goiânia-GO, v. 23, 2020

OLIVEIRA, Caroline Silva de. **Mulheres em quadra: o futsal feminino fora do armário**. Campo Grande-MS: UFMS, 2008. 58 f. Trabalho de Conclusão de Curso. Curso de Educação Física da Universidade Federal do Mato Grosso do Sul, 2008

PRADO, Vagner Matias do et al. Condutas naturalizadas na educação física: uma questão de gênero? **Currículo sem Fronteiras**, Rio de Janeiro, v. 16, n. 1, p. 59-77, jan./abr. 2016

RIGO, Graciane Taglian. Constrangimentos nas aulas de educação física: relatos de alunas do ensino médio. Porto Alegre: UFRGS, 2022. 41f. Trabalho de Conclusão de Curso. Curso de Licenciatura em Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2022

ROSA, Marcelo Victor et al. Preconceito contra a mulher na educação física escolar no nono ano. **Revista Práxis**, Novo Hamburgo-RS, n. 1, v. 17, p. 101-117, jan./abr. 2020

SOUSA, Eustáquia Salvadora de; ALTMANN, Helena. Meninos e meninas: expectativas corporais e implicações na educação física escolar. **Cadernos Cedes**, Campinas-SP, ano XIX, n. 48, p. 52-68, 1999

STEARNS, Peter N. **História das relações de gênero**. Trad. Mirna Pinsky. 2. ed., São Paulo: Contexto, 2015